



UFMG

# Boletim

Nº 1.733 - Ano 37 - 11.4.2011

## Flora repatriada

Três grupos de pesquisa da UFMG estão envolvidos em projeto de constituição de um herbário virtual, com sede no Jardim Botânico do Rio de Janeiro, que trará ao Brasil amostras de espécies vegetais depositadas na Europa. O trabalho viabilizará a realização de estudos sobre plantas coletadas durante as expedições dos naturalistas ao país entre os séculos 18 e 20 e que hoje são consideradas raras ou ameaçadas de extinção.

Páginas 4 e 5



Alexandre Salino, do ICB, com amostra de samambaias secas usadas no estudo

# Nós, a **ACADEMIA**, eles, o **GOVERNO**

João Vitor Rodrigues Loureiro\*

A transformação é visível. O que o ensino superior brasileiro vivencia nos últimos anos vem produzindo efeitos percebidos por qualquer um que pise no campus da UFMG: investimentos em expansão e construção de unidades, esforços somados para a inauguração de um parque tecnológico e, por que não dizer, um trânsito conturbado nos arredores. Tais efeitos não são eventuais, mas traduzem a progressão sistemática do recurso mais caro a qualquer instituição: pessoas.

Já se foi o tempo em que aulas noturnas na Fafich eram entoadas ao som de grilos, envolvidas pela atmosfera de corredores vazios, cantinas sem filas e uma tranquilidade sorumbática das dez da noite. Essa transformação visível no cenário da instituição, as pessoas em velocidades industriais, ritmos *fordistas*, máquinas de fotocópias funcionando “a todo vapor”, filas contornantes, pontos de ônibus cheios, sinalizam o óbvio: o Reuni imprimiu nova dinâmica à Universidade.

Não se trata aqui de expressar insatisfação comum manifestada entre setores das classes médias brasileiras, antes beneficiados diretamente por uma política de acesso ao ensino superior restritiva e exclusivista. Tampouco se trata de apresentar críticas às consequências dessa transformação: um grande número de pessoas portadoras de diplomas universitários sem, no entanto, estar “preparadas para o mercado de trabalho”, ou ainda sem ocupar funções que façam retornar à sociedade o conhecimento como produto final de um investimento público em ensino, pesquisa e extensão.

E se trata, menos ainda, de criticar um modelo de política que investe prioritariamente no ensino superior e, secundária ou mais timidamente, nos ensinos básico, fundamental e médio. Tais análises são, pelo menos, ignorantes ou ingênuas. Ignorantes, porque rejeitam os resultados positivos da expansão, e ingênuas, porque simplificam a interpretação em efeitos presentes ao mitificar os efeitos da transformação em longo prazo.

Se talento, meritocracia e competição

são os pilares da percepção liberal de funcionamento da sociedade que permeia (ou mesmo predomina) em setores da classe média favorecidos pela anterior restrição de acesso ao ensino superior, a democratização agora promovida deveria ser por eles comemorada. Afinal, em chances supostamente iguais de acesso à disputa, trata-se de demonstrar quem é o mais forte ou mais hábil. Que os adeptos de princípios liberais comemorem tal façanha! Claro, num país cuja formação social foi marcada por privilégios e benesses, essa visão liberal não vingou em sua forma pura.

Quanto à crítica à consequência do grande número de diplomados que não retornarão à sociedade, é sabido que conhecimento não é mercadoria, não se traduz em produto final, ainda que cada estudante de graduação ou de pós-graduação custe uma soma de reais. Importa encarar o conhecimento não como produto final, mas, sim, inicial de uma transformação: é meio de aprimoramento de habilidades, agrega inúmeras expectativas, e é chave de possibilidades. Há uma relação complexa entre conhecimento e adequação dele à vida do mercado. A universidade não tem por escopo a plena preparação profissional, a qual exige não apenas o “conhecimento”, mas, sobretudo, habilidades que somente se desenvolvem no ofício diário, na experiência efetiva de trabalho.

E é dado concreto: não são todos os egressos que exercerão especificamente funções daquele campo de conhecimento a que dedicaram anos de estudo, pois sabemos bem que demandas dependem de influxos econômicos, conjunturas favoráveis de valorização profissional e de escolhas pessoais. Por fim, ao modelo de democratização de acesso ao ensino superior não é cabível a crítica de desatenção à educação básica, média e fundamental. À parte os esforços empreendidos por políticas intergovernamentais, como é o caso do Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação

(Fundeb), e as competências constitucionais de investimento em educação, a educação básica, média e fundamental encontra na valorização do ensino superior um importante aliado para seus passos futuros. É na universidade que gestores, políticos e agentes públicos envolvidos com a educação se diplomam; é da universidade que saem os professores de amanhã. A diagnose de problemas atuais da educação em nível não superior remonta ao descaso e à subvalorização em que permaneceu, durante anos, a universidade pública brasileira.

Rejeitadas essas análises, que universidade democrática é essa de que estamos aqui tratando? Planos de expansão, criação de cursos, contratação de professores, aporte de recursos em projetos de pesquisa e extensão sinalizam um passo fundamental, mas ainda pequeno para as transformações exigidas pela sociedade brasileira.

Sim, sem dúvida, vemos ocorrer ampliação de acesso e oportunidades, fatores multiplicadores para o desenvolvimento. Mas outro fenômeno acontece: a universidade passa, aos poucos, a sinalizar um termômetro de demandas, que crescem em função da democratização do acesso ao ensino. São novos grupos sociais, novos componentes do espaço universitário. Se, por um lado, representam a transformação por meio do amplo acesso, sinalizam, por outro, as necessidades objetivas da modernização brasileira: empregos melhores, salários melhores, condições de vida melhores.

Os sujeitos passivos de uma transformação de hoje são os sujeitos ativos de uma transformação futura. É essa a proposta de mudança de qualquer instituição democrática: não estar descolada de centros de decisões, mas tomar parte efetiva dessas decisões. Reduzir a clivagem entre governo e universidade é dizer, contrariando o título deste artigo: “Nós, a academia, nós, o governo”.

\* Graduado em Direito pela UFMG. Aluno do curso de Especialização em História e Culturas Políticas pela UFMG

Esta página é reservada a manifestações da comunidade universitária, através de artigos ou cartas. Para ser publicado, o texto deverá versar sobre assunto que envolva a Universidade e a comunidade, mas de enfoque não particularizado. Deverá ter de 5.000 a 5.500 caracteres (com espaços) ou de 57 a 64 linhas de 70 toques e indicar o nome completo do autor, telefone ou correio eletrônico de contato. A publicação de réplicas ou trélicas ficará a critério da redação. São de responsabilidade exclusiva de seus autores as opiniões expressas nos textos. Na falta destes, o BOLETIM encomenda textos ou reproduz artigos que possam estimular o debate sobre a universidade e a educação brasileira.

# No RASTRO de DUMONT

Centro de Estudos Aeronáuticos da UFMG é referência mundial em inovação e desenvolvimento de aeronaves

Hélio Brandão

A recente homologação de quatro recordes mundiais em aeronáutica representa o coroamento de um longo trabalho de pesquisa e desenvolvimento científico realizado no Centro de Estudos Aeronáuticos (CEA-UFMG). Após 11 anos de trabalho, a Fédération Aéronautique Internationale (FAI), entidade com sede na Suíça e que homologa os registros em aviação, reconheceu o CEA-308 como o avião leve mais rápido do mundo.

O projeto da aeronave surgiu durante a graduação de Paulo Iscold, hoje professor do Departamento de Engenharia Mecânica da UFMG. “Desde o início, sabíamos que estabelecer um recorde absoluto de velocidade seria difícil. Assim, focamos em uma marca para aviões de até 300 kg, projeto que poderia ser realizado dentro da Universidade”, explica ele, citando que o último recorde com piloto e aeronave brasileiros reconhecido pela FAI pertencia ao aviador Alberto Santos Dumont.

A aeronave bateu três recordes mundiais de velocidade (percurso de 3, 15 e 100 quilômetros) e um de razão de subida (até três mil metros). No caso deste último, o desempenho foi além das expectativas, já que o protótipo não fora projetado para superar a marca. A explicação para o sucesso, segundo Iscold, está na aerodinâmica. “Toda a estrutura e a concepção do projeto foram desenvolvidas aqui na Universidade”, lembra ele, acrescentando que o processo incluiu

Paulo Iscold: quatro recordes e reconhecimento internacional



Sara Grumbaum



Marcio Jumpei

cálculos, testes em solo e em voo. Bem-humorado, ele comenta: “Agora, os segredos para fazer o avião voar assim eu não posso revelar, senão você vai lá e quebra o nosso recorde”. Os recordes anteriores já eram bem antigos, sendo que o mais recente, na modalidade de percurso de três quilômetros, foi cravado em 1999, na Áustria (veja tabela nesta página).

## Facilitando a pilotagem

Criado em 1963, o Centro de Estudos Aeronáuticos (CEA) já recebeu diversos prêmios, nacionais e internacionais, pelos seus projetos. Consolidado o recorde, Paulo Iscold não vê desafios iminentes para o CEA-308. Mas isso não quer dizer que o ritmo de trabalho vá diminuir. Segundo o pesquisador, o CEA também desenvolve protótipos de acrobacias, aviões-autônomos, peças como turbinas eólicas e o projeto do avião facilitado, cujo objetivo é popularizar a condução de aeronaves: “Queremos tornar a pilotagem de um avião tão fácil quanto a de um carro. Estamos desenvolvendo um computador capaz de auxiliar nos comandos, quase um piloto automático, mas ainda submetido a um piloto humano”, explica Iscold.

Essa variedade de projetos atrai tanto parceiros públicos, como agências de fomento a pesquisa e inovação, quanto empresas privadas, num claro sinal da credibilidade conquistada pelo CEA ao longo dos anos, inclusive no cenário internacional. O Centro de Estudos Aeronáuticos já auxiliou equipes da África do Sul e da Inglaterra no Red Bull Air Race, desafio que mistura corrida e acrobacias com aviões, trabalhando com a equipe campeã da edição de 2010 do torneio.

O CEA também tem registrado patentes dos produtos desenvolvidos pelos estudantes. “Muitos dos conceitos formulados aqui acabam sendo aproveitados pelas empresas. É como um carro de Fórmula 1: difícil virar um produto, mas o avanço tecnológico chega, de alguma forma, até o consumidor”, diz Paulo Iscold.

O pesquisador acredita que o alcance do recorde é mais significativo do que o registro de patentes ou a publicação de artigos. “Temos que mensurar a produção científica de outras formas. Um projeto como o do CEA-308 é muito mais benéfico para a formação do aluno do que a publicação de artigos”, opina o professor, indicando a preocupação do Centro de Estudos Aeronáuticos com a consolidação da cultura aeronáutica no Brasil e a ênfase na formação dos estudantes.

Um dos meios usados para isso é o incentivo à tecnologia *in-house*, ou seja, o desenvolvimento próprio de peças, ferramentas, programas e projetos, em vez da simples aquisição de componentes no mercado internacional. “É importante estimular o desenvolvimento interno de tecnologia, pois dessa forma o aluno entende que a formação dele não deve em nada à que se oferece em outros países”, avalia.

Categoria	Recordes do CEA-308 (batidos em 2010 pelo comandante Gunar Armin)	Recordes anteriores
Percurso de 3 km	360.13 km/h	351.39 km/h, por Peter Scheichenberger, Áustria, 1999
Percurso de 15 km	329.1 km/h	292.15 km/h, por Charles Andrews, USA, 1982
Percurso de 100 km	326.8 km/h	297.7 km/h, por Brian Dempsey, USA, 1989
Razão de subida (até 3.000 m)	8 minutos e 51 segundos	13 minutos e 40 segundos, por Mikhail Markov, antiga União Soviética, 1990

# À CASA torna

*UFMG participa da formação de herbário virtual que trará ao Brasil amostras vegetais depositadas na Europa entre os séculos 18 e 20*



Ana Rita Araújo

**A**mostras da flora brasileira coletadas por missões estrangeiras entre os séculos 18 e 20 e depositadas em museus da Europa estão prestes a compor herbário virtual com sede no Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Participam do projeto três grupos de pesquisa da UFMG, dois dos quais trabalham com samambaias e orquídeas, e outro que se dedica, desde 2004, à recuperação de dados e imagens de amostras das chamadas plantas úteis, coletadas pelos naturalistas que percorreram Minas Gerais nos séculos 18 e 19.

A iniciativa de repatriamento das informações e sua disponibilização *on-line* por meio do programa Plantas do Brasil: Resgate Histórico e Herbário Virtual para o Conhecimento e Conservação da Flora Brasileira (Reflora) partiu do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e reúne recursos de diversas agências de fomento do país. Um dos objetivos do projeto é possibilitar estudos de diversidade genética, biologia da conservação e resgate de germoplasma de espécies coletadas durante as expedições dos naturalistas, cujo material está depositado em herbários europeus e que hoje são raras e/ou ameaçadas de extinção na flora nacional.

Durante os próximos três anos, equipes de pesquisadores vinculados aos 24 projetos de todo o país aprovados pelo edital do CNPq recolherão dados e produzirão imagens em alta resolução das amostras de plantas brasileiras depositadas no Royal Botanic Gardens, de Kew (Inglaterra), e no Muséum National d’Histoire Naturelle de



Foca Lisboa

**Maria das Graças: erosão genética provocada pela dizimação de povos nativos e atividades econômicas**

Paris (França). “Não se trata apenas de escanear a amostra da planta, mas também recuperar os dados a ela associados, como a descrição geográfica do local e data de coleta”, explica o professor Alexandre Salino, do Departamento de Botânica do ICB, que pesquisa samambaias. Assim, as imagens digitalizadas nesse trabalho vão fornecer, entre outros dados, informações representativas da distribuição geográfica dos vegetais que constam da Lista de Espécies da Flora do Brasil, lançada em 2010, e que estão depositadas nos dois herbários europeus.

De acordo com o edital que deu origem ao Reflora, os dados históricos de plantas brasileiras até meados do século 20 são fundamentais nos estudos taxonômicos e fornecem subsídios “a futuros avanços científicos e tecnológicos para a ciência botânica do Brasil”. Grande parte desses acervos contém o chamado material-tipo, exemplar utilizado para dar o nome e representar um vegetal. Esses dados vão permitir, por exemplo, que os pesquisadores visitem o local de coleta para observar a situação atual da flora.

“O que já sabemos é que houve intensa erosão genética, devido ao deslocamento e à dizimação dos povos nativos, ao impacto da atividade mineradora e posteriormente das práticas agropecuárias”, informa a professora Maria das Graças Lins Brandão, coordenadora do Banco de Dados e Amostras de Plantas Aromáticas, Medicinais e Tóxicas (Dataplant) da UFMG. Seu papel no Reflora é resgatar informações colhidas em Minas Gerais e em Goiás por naturalistas ingleses e franceses. O próprio documento que dá base ao edital indica que muito do material botânico passível de repatriamento vem de “áreas que hoje estão degradadas ou urbanizadas, dificultando ou impossibilitando levantamentos atuais nos mesmos locais”.

Embora não se saiba o número exato de espécies que serão repatriadas, estima-se que o estudo contemplará, nos dois herbários, cerca de 600 mil exsicatas – amostras de plantas secas, fixadas em cartolina de tamanho padrão, acompanhadas de etiqueta com dados científicos e informações sobre a coleta. Segundo os idealizadores do Reflora, ao

mesmo tempo em que trouxe “respostas a várias perguntas que persistiam há longo tempo”, a Lista de Espécies da Flora do Brasil também demonstrou falta de dados relevantes para a certificação de identidade taxonômica. Assim, as lacunas no conhecimento sobre os materiais-tipo e as localidades de origem das coleções feitas “impedem ou retardam o avanço científico da taxonomia de plantas brasileiras e por consequência de várias outras linhas de pesquisa que necessitam da confiabilidade do nome e da ocorrência correta de uma planta”, explica o documento.

Com os dados será possível, por exemplo, georreferenciar espécimes e levantar novas amostras ainda pouco representadas em herbários nacionais, subsidiar a revisão da lista de espécies brasileiras ameaçadas de extinção e selecionar outras para o desenvolvimento de estudos taxonômicos, morfogenéticos, populacionais e moleculares direcionados à conservação da flora brasileira.

## Biodiversidade nativa

Segundo a professora Maria das Graças Lins Brandão, até o final do século 17, época em que as florestas cobriam quase a metade do território de Minas Gerais, centenas de plantas eram conhecidas e utilizadas com fins medicinais. “Os dados depositados nos herbários de Kew e de Paris são informações primárias. Com base neles, pretendemos agora ir a campo para tentar encontrar essas espécies novamente, ver a situação de cada uma e associar com os usos anotados na época”, explica a coordenadora do Dataplant.

Enquanto a fitoterapia brasileira atual é baseada em plantas exóticas, os naturalistas preservaram informações da biodiversidade nativa, destaca a pesquisadora. No âmbito do Re flora, a equipe coordenada por ela vai estudar as amostras de Minas Gerais e de Goiás. O trabalho do Dataplant conta com a participação de pesquisadores da Universidade de Brasília e da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e do Mucuri. “Divididos em três grupos vamos observar os acervos relativos ao Centro-Sul, Jequitinhonha e Noroeste de Minas Gerais, e o estado de Goiás”, relata.

Além de contribuir para a criação do herbário virtual com sede no Jardim Botânico, as atividades do grupo coordenado por Maria das Graças Lins Brandão vão enriquecer a coleção de drogas vegetais do Dataplant, sediada no Museu de História Natural e Jardim Botânico da UFMG. “Temos a única coleção do tipo no país credenciada pelo Conselho de Patrimônio Genético do Ministério do Meio Ambiente”, ressalta a professora, ao lembrar que o trabalho é apoiado há anos pela Fundação de Amparo à Pesquisa de Minas Gerais (Fapemig).



## Samambaias e orquídeas

Único projeto de pesquisa com samambaias no país aprovado pelo Re flora, o trabalho do grupo liderado por Alexandre Salino vai estudar os gêneros *Thelypteris*, *Blechnum*, *Ctenitis*, *Microgramma* e *Pecluma*. Juntos, eles envolvem cerca de 170 espécies de samambaias encontradas em todo o Brasil, a maior parte das quais no domínio das florestas Atlântica e Amazônica. Salino destaca a importância do edital também para a capacitação de recursos humanos, em especial alunos de pós-graduação que trabalham com taxonomia.

Já o professor João Aguiar Nogueira Batista, também do Departamento de Botânica do ICB e que coordena estudo com orquídeas, afirma que, além da repatriação, o edital abriu espaço para outros tipos de trabalho. “Vamos inventariar, registrar e documentar – em imagens de alta resolução – todas as orquídeas de Minas Gerais, cujas amostras estão depositadas nesses dois museus, e todo o material do gênero de orquídeas *Habenaria*, o maior do Brasil”, informa. Em sua opinião, o maior mérito desse projeto é o resgate dos materiais-tipo, o que permitirá a correta identificação das plantas que ocorrem hoje no Brasil; e das informações históricas, de forma a modelar o efeito da ação humana nas vegetações nativas.

Segundo ele, ao comparar as coletas antigas com as espécies ainda hoje existentes é possível fazer inferências e até identificar regiões que ainda possuem alta diversidade e que, por isso, devem ser priorizadas para conservação. Antes da viagem de trabalho aos museus de Kew e de Paris, no início de 2012, a equipe de João Batista visitará 12 herbários brasileiros, alguns dos quais em Minas, para reunir informações hoje dispersas e ampliar base de dados própria sobre as cerca de 800 espécies de orquídeas existentes em Minas Gerais e as aproximadamente 200 do gênero *Habenaria* em todo o país.



João Batista: ampliação da base própria de dados

# União **NEGOCIADA**

*Tese desenvolvida no Cedeplar mostra que nível de instrução é “moeda de troca” nos casamentos inter-raciais*

Itamar Rigueira Jr.

**T**em sido fácil constatar, “a olho nu”, que nas últimas décadas aumentou o índice de uniões entre homens e mulheres de grupos de raça/cor diferentes. Dados extraídos dos censos do IBGE comprovam isso. Em 20 anos – de 1980 a 2000 –, elas cresceram de menos de 20% para aproximadamente 35%. Mas há muito que saber sobre esse fenômeno. E a pesquisa de doutorado de Luciene Longo, que defendeu sua tese no final de março, no Cedeplar (Face), concluiu que há uma *negociação* envolvendo níveis de escolaridade como fator de compensação nas escolhas de parceiros.

“O aumento das uniões inter-raciais tem sido constante e consistente; é um processo irreversível. E foi possível identificar que, por exemplo, é mais provável que um homem branco e uma mulher preta se unam se ela tiver escolaridade maior que a dele”, afirma Luciene Longo, que se graduou em economia, mas tomou o caminho da demografia na pós-graduação.

Segundo a pesquisadora, esse mecanismo de compensação – o cônjuge de pele mais clara, que desfruta de maior prestígio social, aceita a união com alguém de pele mais escura em troca do status conferido pelo maior nível educacional do parceiro – contribui para avanço nas relações de raça/cor no Brasil. “A escolaridade das mulheres aumenta mais que a dos homens proporcionalmente, e este seria um fator a favorecer as uniões inter-raciais”, diz Luciene Longo.

## Endogamia religiosa

Ela estudou também a influência da religião nos casamentos inter-raciais. Mas nesse caso as conclusões são diferentes. Os dados de 2000 revelam que quase 90% das uniões no país se dão entre pessoas da mesma religião. “A força da opção religiosa é tão grande que favorece uniões de todos os tipos. Não dá para se inferir influência semelhante à da escolaridade como mecanismo de compensação”, destaca Luciene, que considerou quatro grupos religiosos: protestantes, pentecostais, católicos e sem-religião.

Com relação a esse aspecto, a pesquisadora fez uma constatação curiosa: os sem-religião são os que mais casam entre si, o que demonstra maior resistência deles de se juntar a pessoas com alguma crença, e vice-versa. “Ainda há enormes barreiras contra uniões exogâmicas quando se trata de religião”, diz a pesquisadora.

O trabalho explorou também as diferenças entre uniões formais e consensuais. E ficou claro que as inter-raciais são mais frequentes entre as informais. Possíveis explicações: pessoas que se dispõem a se casar sem passar pelo cartório são mesmo mais flexíveis; e casais de cores diferentes que se apaixonam ficariam com “um pé atrás” ao pensar na formalização do relacionamento, em função de uma suposta fragilidade dessas uniões. “São hipóteses”, Luciene faz questão de ressaltar.

## 20 a 29 anos

A população-alvo do estudo de Luciene Longo foi composta de mulheres de 20 a 29 anos de idade. A ideia de “fechar” nessa faixa etária se deve ao fato de que as mulheres concentram nessa fase da vida o início de suas uniões. Além disso, os dados dos censos não permitem descobrir, por exemplo, tempo de união e se o atual casamento é o primeiro. “Por isso não seria adequado incluir mulheres mais velhas”, justifica a pesquisadora.

Luciene utilizou dados relativos a cerca de 310 mil mulheres do Censo de 1980, 410 mil do Censo de 1991 e pouco mais de 440 mil da pesquisa global realizada pelo IBGE no ano 2000. Ela só pôde lançar mão de informações contidas nas entrevistas da amostra (questionários maiores), já que os dados do chamado “universo” (a totalidade da população) não incluíam até 2000 os aspectos raça e religião – a pesquisa de 2010 incluiu raça/cor em todos os questionários.

O projeto inicial de Luciene Longo – que passou um ano na Universidade do Texas em Austin (EUA) – era trabalhar apenas com as uniões inter-raciais e escolaridade, mas após aprofundar-se no tema de pesquisa ela decidiu incluir a religião como uma das dimensões de análise. “Há pouca gente estudando questões de nupcialidade e família na demografia, principalmente relacionando-as à religião”, explica a pesquisadora, servidora do IBGE em Belo Horizonte.

Outros trabalhos, de caráter quantitativo e qualitativo, possibilitarão avançar na investigação sobre a evolução das uniões inter-raciais no Brasil. De acordo com Luciene Longo, os resultados podem ser desagregados por regiões e estados do país, já que “há diferenças importantes relacionadas a questões como raça/cor e religião”. Da mesma forma, acredita, novos estudos certamente chegarão mais longe ao tentar compreender como normas e valores também operam na escolha dos parceiros.

**Tese:** *União intra e inter-raciais, status marital, escolaridade e religião no Brasil: um estudo sobre a seletividade marital feminina, 1980-2000*

**Autora:** Luciene Aparecida Ferreira de Barros Longo

**Orientadora:** Paula de Miranda Ribeiro (Cedeplar/Face)

**Co-orientadores:** Ana Maria H. C. de Oliveira (Cedeplar/Face) e Thomas W. Pullum (Universidade do Texas em Austin)

**Programa:** Pós-graduação em Demografia

**Defesa:** 31 de março de 2011



## KULLDORFF NA UFMG

Martin Kulldorff, professor do Department of Population Medicine, da Harvard Medical School, é o expositor convidado para seminário e workshop que o Departamento de Estatística do IEx realiza neste mês na UFMG. Os eventos são abertos ao público, mas para participar é preciso fazer inscrição, postando mensagem no blog <http://lesteseminarios.blogspot.com>.

Kulldorff é reconhecido pelo desenvolvimento do software gratuito SaTScan ([satscan.org](http://satscan.org)) de análise de conglomerados espaciais, temporais e espaço-temporal, utilizado em todo o mundo na gestão de informações sobre epidemias, meio ambiente e geologia, entre outras áreas. Suas pesquisas contam com parceria do Departamento de Estatística da UFMG. O seminário será no dia 15 e o workshop, em 18 e 19 de abril.

## SENTIMENTOS EM RETORNO

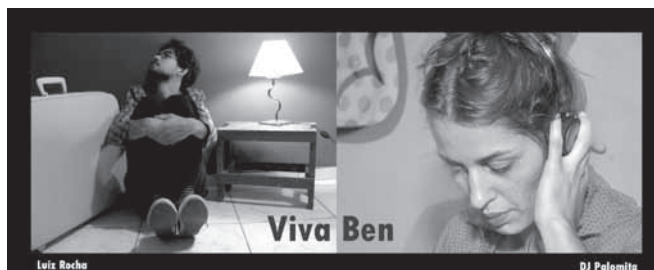
Maria Rita Kehl reabre nesta sexta-feira, 15 de abril, o ciclo de conferências do programa Sentimentos do Mundo da UFMG. Psicanalista e escritora, a intelectual vai abordar a questão *O mundo por escrito*. “Um tema óbvio”, como registra Kehl, mas, como pergunta, “o que podemos saber do mundo a não ser a partir das mensagens que ele nos escreve? Escrevemos, cantamos, contamos histórias, para tentar dar forma ao sentimento do mundo que, sem isso, nos aniquilaria”, registra.

A conferência, aberta ao público, terá início às 10h30, no auditório da Reitoria. Maria Rita Kehl é doutora em psicologia pela PUC de São Paulo e poeta. Mais informações pelo telefone (31) 3409-6408 e pelo site [www.ufmg.br/sentimentosdomundo](http://www.ufmg.br/sentimentosdomundo).

## BEETHOVEN E BEN JOR

O concerto do Duo Kreutzer, com a pianista argentina Mirta Herrera e o violinista alemão Goetz Hartmann, abre a série de atrações musicais desta semana no campus Pampulha, dentro da programação do Quarta Doze e Trinta. O repertório inclui Beethoven (*Sonata OP. 12 n° 2*), De Falla (*Suite populaire espagnole*), Piazzolla (*Squalo e Oblivion*) e Ginastera (*Pampeana*). Aberto ao público, o evento será às 12h30 desta quarta-feira, 13, no auditório da Reitoria, no campus Pampulha.

No dia seguinte, 14 de abril, será a vez da música popular brasileira levantar o público, com show dançante em tributo a Jorge Ben Jor feito por Luiz Rocha, DJ Palomita e outros músicos convidados. Canções consagradas como *Chove chuva*, *Os alquimistas estão chegando*, *País tropical*, *Taj-Mahal* e *Que pena*, estão no roteiro da festa. A apresentação, parte do programa Uma Tarde no Campus, acontecerá na Praça de Serviços, às 17h30, com entrada gratuita.



## CIÊNCIA E DENGUE

O projeto Barômetro promove nesta quinta-feira, dia 14, em sua segunda edição, debate sobre o papel da ciência no combate à dengue e o impacto das estratégias de prevenção e controle. Para discutir o tema foram convidados Mauro Martins Teixeira, médico, professor do ICB e coordenador do Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia em Dengue, e a dona de casa aposentada Ana Lúcia Zenha Cordeiro.

Para participar, os interessados devem se inscrever pelo endereço [ddc-secretaria@proex.ufmg.br](mailto:ddc-secretaria@proex.ufmg.br). O evento acontece às 20h, no Centro Cultural UFMG (avenida Santos Dumont, 174) e será transmitido em tempo real pela Rádio UFMG Educativa. Ouvintes e internautas podem enviar perguntas e comentários pelo site [www.ufmg.br/radio](http://www.ufmg.br/radio). Mais informações pelos telefones 3409-4427 e 3409-1091.

## Erramos

## CAPITAL DO RADÔNIO

O pesquisador Zildete Rocha, do Centro de Desenvolvimento da Tecnologia Nuclear (CDTN), é o responsável no órgão – e não orientador, como informou o BOLETIM em sua última edição – pelo estudo que resultou na dissertação de mestrado *Distribuição da concentração de radônio em residências e outras construções da Região Metropolitana de BH*, defendida por Talita de Oliveira Santos.

O trabalho foi apresentado junto ao Programa de Pós-Graduação em Ciências e Técnicas Nucleares, vinculado ao Departamento de Engenharia Nuclear da Escola de Engenharia da UFMG. No mesmo departamento, está lotado o professor Arno Heeren de Oliveira, orientador da dissertação.

## ESTACIONAMENTOS NO CAMPUS

A propósito da matéria Locus da Gentileza, publicada na página 4 da última edição, seguem as seguintes correções:

- Segundo a Pró-reitoria de Planejamento, chega a 7,3 mil – e não 5, 4 mil –, o número de vagas de estacionamento disponíveis para a comunidade que frequenta o campus Pampulha. O novo balanço é resultado de trabalho de recontagem, que inclui, por exemplo, vagas oferecidas em ruas que não haviam sido contempladas em levantamento anterior (feito há cerca de um ano e meio) e as disponibilizadas pelo estacionamento do Mineirão.

- Com base nessa recontagem, a Administração Central da UFMG considera que não há necessidade de criação de cerca de 2,1 mil vagas, dado também citado na matéria, e que foi apontado por estudo feito pela BH-Trans na mesma época.

- Chega a 35 mil – e não 55 mil –, o número médio de pessoas que frequentam o campus diariamente no horário de pico (entre 10h e 12h).

- A matéria informou que o e-mail da professora Lídia Alvarenga, que inspirou a criação da campanha Bocado de Gentileza, foi enviado à Pró-reitoria de Administração. Na verdade, a mensagem chegou primeiro à Ouvidoria da UFMG, que a repassou à Pró-reitoria.

# O AMOR nos tempos da WEB

Pesquisa da Ciência da Informação revela o que pensam e como se comportam os usuários do Orkut que entram em comunidades sobre o tema

Clarice Cerqueira

O que é o amor? Como ter um relacionamento amoroso saudável? Por que muitas relações – ou o término delas – levam os parceiros a um grande sofrimento? Esses questionamentos, que passam pela cabeça de praticamente todo ser humano, levaram o pesquisador Ruleandson do Carmo Cruz a sentir a “pulsção” dos internautas do Orkut, a mais popular rede social entre os brasileiros. O resultado de sua incursão está na dissertação *Redes sociais virtuais de informação sobre amor: comportamento e cultura informacional de usuários do Orkut*, defendida no último dia 28 junto ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da UFMG.

“O assunto é visto com certo preconceito entre os pesquisadores, mas meu estudo evidencia como a sociedade tem buscado respostas para seus dilemas afetivos e sexuais”, comenta Ruleandson. Temáticas envolvendo amor e relacionamentos são amplamente debatidas no Orkut. De acordo com pesquisa da Nielsen Online, realizada em 2009, dois terços da população global acessam as redes sociais e 23% do tempo que os brasileiros passam na internet é dedicado a essas ferramentas.

Segundo o pesquisador, a necessidade de falar e compartilhar problemas amorosos é um traço presente na humanidade desde a antiguidade. Como exemplo, ele cita *O banquete*, diálogo escrito por volta de 380 a.C., em que Platão e Aristófanos atribuíram características ao sentimento.

## Motivações

A saúde, a vontade de se aprofundar no tema, a extrema felicidade e a tristeza são os motivos que mais levam os internautas a participar das cinco comunidades avaliadas. Essa constatação foi extraída a partir de

respostas a questionários aplicados entre 103 dos usuários mais ativos na criação de tópicos e enquetes.

A dissertação aponta que 46% dos entrevistados avaliam a obtenção de informações sobre o tema de muito importante e 46% qualificam a informação como mediana. “O interesse pelo assunto existe entre pessoas de ambos os sexos”, comenta Ruleandson do Carmo. As comunidades têm mais mulheres, mas os homens são usuários mais ativos. A maioria, com idades entre 25 e 59 anos, é solteira e manifesta desejo de casar.

A pesquisa indica ainda que alguns usuários recorrem ao sobrenatural para resolver seus problemas amorosos. “Isso mostra que as pessoas buscam informações de todo tipo para serem mais felizes”, comenta o pesquisador. De acordo com ele, muitos usuários tentam encontrar soluções através de orações, simpatias e do compartilhamento de seus problemas com pessoas que passam pela mesma situação.

## Pesquisa

O trabalho foi desenvolvido a partir de cinco comunidades: *Eu ACREDITO no AMOR*; *O mito do amor romântico*; *Se é amor... q seja verdadeiro!*; *Amor, Respeito e Confiança!*; e *Amor e sexo em debate*.

Dentre as representações de amor observadas, três se sobressaíram: o amor romântico, o poliamor e o amor líquido. O amor romântico, recorrente em filmes, livros e novelas, é definido como um sentimento de paixão direcionado a um único parceiro e capaz de perdurar até a eternidade. O amor líquido é vivenciado por aqueles que, apesar de idealizarem o amor romântico, não estabelecem relacionamento duradouro e mudam de parceiro assim que surgem problemas na convivência. Os poliamoristas acreditam que o amor se manifesta de diferentes formas e que as pessoas podem ter vários parceiros no âmbito afetivo e sexual ao mesmo tempo.

Ruleandson do Carmo Cruz é graduado em jornalismo e estuda o tema desde a monografia da graduação, concluída em 2007. É titular do blog *Eu só queria um café...* (<http://www.eusoqueriamcafe.com/>), em que reúne crônicas de amor, notícias e entrevistas sobre o comportamento e o desabafo de leitores.

**Dissertação:** *Redes sociais virtuais de informação sobre amor: comportamento e cultura informacional de usuários do Orkut*

**Autor:** Ruleandson do Carmo Cruz

**Programa:** Pós-graduação em Ciência da Informação

**Defesa:** 28 de março

**Orientadora:** professora Júlia Gonçalves da Silveira, da Escola de Ciência da Informação



Montagem com as cinco comunidades pesquisadas: usuários dão grande valor às informações sobre o amor